



O ENSINO DA MORTE HUMANA NO CONTEXTO DAS AULAS DE BIOLOGIA

HUMAN DEATH TEACHING ON BIOLOGY CLASSES STANDPOINT

Luana Ferreira de Almeida¹
Isadora Nunes Barbosa Ramos²
Eliane Brígida Moraes Falcão³

¹UFRJ/NUTES/Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde, luafalmeida@ig.com.br

²UFRJ/NUTES/Mestranda em Educação em Ciências e Saúde, isadoraramos@yahoo.com.br

³UFRJ/NUTES/Professora associada, elianebrigida@uol.com.br

Resumo

Objetivamos identificar as percepções de estudantes em relação ao que acontece com o corpo humano após a morte. Utilizamos a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Os sujeitos foram alunos do 3º ano do ensino médio de quatro escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro. Foi utilizado para coleta de dados um questionário com uma questão aberta referente ao que acontece com o corpo após a morte e uma fechada sobre a religião dos estudantes. Os resultados mostram que as representações sociais dos estudantes acerca do tema estão sendo construídas. Seus discursos fazem referência aos conteúdos trabalhados nas aulas de Biologia, mas também relacionam o tema com suas experiências de vida e a outros aspectos. A identificação e compreensão das representações sociais de estudantes acerca do que acontece com o corpo humano após a morte nos parecem relevantes, pois mostram conteúdos possíveis de serem trabalhados nas aulas de Biologia.

Palavras-chave: morte, educação, saúde, religião.

Abstract

The purpose of this paper is to identify students' standpoints regarding what occurs with the human body after death. We have used the methodology of Collective Subject Discourse and the subjects were students from third year of senior high school of four public schools in the State of Rio de Janeiro. Data have been collected by means of a questionnaire with an open question referring to what happens with the human body after death and a survey on the students' religion. Results point out that the students' social standpoints on the issue are being built. Their speeches refer to biology classes matters but they are also based on their lives experiences and with other aspects. The identification and overall understanding of the students' social representations on what happens with the human body after death seem outstanding since they present contents they might be worked out at biology classes.

Key words: death, education, health, religion.

INTRODUÇÃO

Analizamos oito livros didáticos¹ do ensino de Ciências e Biologia, e percebemos que apenas dois (Araribá, 2006; Barros e Paulino, 2007) citaram o tema da morte como etapa do ciclo vital. Ou seja, a finitude humana é trabalhada a partir da definição de vida, com o significado biológico da morte. Somente um livro (Amabis e Martho, 1997) faz referência à morte humana de maneira diferenciada, a partir de uma reflexão sobre a vida. Os demais autores não fazem referência direta à morte humana.

Apesar de os livros não dedicarem um capítulo ou uma seção ao tema da morte ou final da vida humana, é possível extrair dos textos idéias gerais a esse respeito, mediante a interpretação das concepções de biologia, dos modos de produção da ciência, da abrangência da área, da estruturação dos conteúdos como ciclo da matéria e cadeias alimentares, por exemplo.

É comum, nos respectivos livros, a classificação dos seres vivos em ordem crescente de complexidade, categorizando-os em grupos de seres ‘inferiores’, ‘intermediários’ e ‘superiores’. Entretanto, a simples discussão dos seres vivos em níveis crescentes de complexidade não assegura uma compreensão, por exemplo, da finitude humana. Considerando a complexidade bio-psíquica-social dos seres humanos, poderíamos dizer que os padrões de diversidade da vida estabelecidos pela biologia, ou pelo menos nos livros didáticos de biologia examinados, apresenta uma tendência reducionista. Tal tendência pode ser compreensível à luz da especialização dos campos da ciência, mas demanda reflexões quando transpostas para os contextos de ensino e educação.

Amabis e Martho (1997) definem a morte como sendo um processo irreversível de perda da atividade altamente organizada que caracteriza a vida, tecendo considerações sobre a definição de vida. Eles demonstram a idéia de evolução como princípio unificador da Biologia por dar coerência ao conjunto de conhecimentos biológicos e permitir a compreensão do fenômeno da vida e da morte a partir de suas conexões com a compreensão do processo evolutivo. É um aspecto positivo dos livros didáticos examinados, pois embora reconheçam a dificuldade de definir vida, não evitam a discussão sobre como caracterizar seres vivos, diferenciando-os da matéria bruta, e, em alguns casos, chegam a tratar explicitamente do problema de definir vida e a morte humana.

No ensino de Biologia o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos, o meio e o conhecimento são essenciais para a formação de indivíduos conscientes, capazes de tomar decisões. As explicações para o surgimento e a diversidade da vida são variadas ao longo da história da humanidade, de modo que os modelos científicos convivem com outros modelos explicativos. E tal compreensão é um dos destaques dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio.

A finitude humana é um tema muito estudado por especialistas, mas pouco falada no cotidiano da vida social ocidental contemporânea. O historiador Philippe Ariès (2003) fez uma análise do comportamento da sociedade ocidental diante da morte ao longo dos séculos. Segundo ele, a morte foi progressivamente ocultada. Se antes era vivenciada num contexto familiar, encarada como algo natural, com a participação inclusive de crianças, atualmente é vista como interditos, algo distante e amedrontador, deslocada para os hospitais e aos cuidados médicos. O sociólogo Norbet Elias (2001)

¹ (Soares, 1997; Lopes, 2002 – vol. 1, 2 e 3; Machado, 2003; Lopes, 2006; Araribá, 2006; Barros e Paulino, 2007)

chamou a atenção para a relutância dos adultos em falar sobre a morte com as crianças e enfatizou que a dificuldade não está no tema e sim na forma como é abordado.

Na visão de Kovács (1992), que realizou estudos sobre a morte como tema educacional para crianças e jovens, o conhecimento da morte aparece desde a infância. É possível tentar esquecer-la, ignorá-la ou mesmo fingir que não existe, mas para esta autora tal comportamento é contra-indicado, pois toda experiência de morte que se adquire é fundamental para as nossas vidas. Desta forma, Kovács defende a importância da abordagem do tema com as crianças e os adolescentes. Por tradição cultural, familiar ou mesmo por investigações pessoais, cada um de nós traz dentro de si sua própria representação de morte, afirma a autora e cada experiência desta, seria fundamental na representação que fazemos de morte. Coelho e Falcão (2005) realizaram um estudo entre estudantes do ensino médio de duas diferentes escolas, visando conhecer a representação social de morte desse grupo especialmente expressas nas aulas de Biologia. Em seus dados foi possível vislumbrar o interesse dos estudantes pelo tema. Mesmo nos que se mostraram receosos com tal abordagem foi possível identificar reflexos de hábitos culturais que precisam ser revistos. Interesse em preparar as pessoas a aceitar melhor a finitude humana e curiosidades científicas e tecnológicas sobre a morte, bem como aprender os cuidados com a saúde foram tópicos bastante indicados pelos estudantes a serem abordados nas aulas, o que reflete a preocupação dos jovens com a saúde e qualidade de vida. E nesse ponto é possível vislumbrar, ao lidar com o tema morte humana, mais um caminho educacional de pensar com os jovens, formas de preservação de suas vidas, ou de sua saúde nos contextos escolares.

A morte é um assunto amplamente estudado por diferentes pensadores especializados. Frente aos estudos, observa-se que as percepções, idéias, sentimentos em relação à morte estão diretamente ligadas ao contexto sócio-cultural e histórico das diferentes civilizações. Diante de diferentes possibilidades, escolhemos neste estudo, identificar e compreender as representações sociais de estudantes acerca do que acontece com o corpo humano após a morte. Seria possível estabelecer relações entre o ensino de Biologia e representações sociais de morte entre estudantes? Poder-se-ia dizer, através da identificação dessas representações, que uma atuação educacional a este tema seria desejável?

No presente estudo, o interesse encontra-se no grupo em formação escolar do ensino médio. Que pensamentos, visões, valores teriam em relação ao que acontece com o corpo humano após a morte? Será que existem aspectos diferentes dos abordados nas aulas de Biologia? É possível que os estudantes tenham uma visão diferente do conhecimento científico ensinado em sala de aula? A partir dessa questão, foi realizado um estudo exploratório comparativo entre estudantes do 3º ano do ensino médio de quatro escolas públicas do estado do Rio de Janeiro e que apresentam contextos sociais diferenciados.

METODOLOGIA

Escolhemos a pesquisa qualitativa pelo fato de privilegiar a ação dos sujeitos e apoiar-se na relevância dos aspectos subjetivos da ação social (Haguette, 2002). A pesquisa qualitativa demonstra a variedade de perspectivas sobre o objeto, partindo de significados. Dessa forma, pontos de vista e práticas devem ser relacionados às variadas perspectivas subjetivas e contextos a eles relacionados. Aprender os significados atribuídos ao que acontece com o corpo humano após a morte por esses estudantes passa pelo entendimento da subjetividade da ação expressa por meio da linguagem, que

foi construída não só por mecanismos cognitivos, mas também por determinações socioculturais e ideológicas.

Para leitura dessa realidade optamos pela Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2003), como base teórica, por acreditarmos que esse referencial nos permitirá olhar o fenômeno na perspectiva do sujeito que o vivencia. As Representações Sociais designam uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam uma forma de pensamento social referentes às condições e aos contextos nas quais emergem e circulam. Ou seja, constituem uma forma específica de compreender e se comunicar de um grupo específico.

A identificação das Representações Sociais dos estudantes acerca do tema em questão foi feita a partir da metodologia de análise qualitativa proposta por Lefèvre *et al.* (2001,2003): O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC tem por finalidade a identificação da representação social de um determinado tema, ou objeto, de um grupo, a partir das expressões orais ou escritas expressas individualmente em entrevistas ou questionários. Para os autores, o que as pessoas pensam ou emitem como respostas a uma indagação reflete o compartilhamento de um imaginário social, comum, coletivo, existente num determinado momento. Dessa forma, os pensamentos contidos em expressões individuais representam mais do que um indivíduo pensa sobre um dado tema, eles revelam elementos do imaginário coletivo de um grupo. A análise do discurso do sujeito coletivo busca, a partir dessas expressões individuais, chegar às representações de um grupo social num dado momento.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é produzido a partir de trechos de falas dos indivíduos de uma coletividade. Ao encadear vários discursos individuais, o DSC, transmuta-se num único discurso e descreve significativamente as representações do coletivo investigado. Pode-se encontrar mais de um discurso coletivo ou discurso-síntese para um determinado tema. A construção de um ou vários discursos-síntese é possível mediante definição e identificação de idéias centrais e expressões-chave nas expressões individuais do grupo analisado. Segundo a metodologia, as expressões-chave são constituídas por transcrições literais de partes dos depoimentos dos sujeitos analisados, são organizadas em grupos de acordo com a idéia central que exprimem. As idéias centrais são a(s) afirmação(ões) que permite(m) traduzir o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos. Com a matéria-prima das expressões-chave são construídos os Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs) que buscam tornar clara a representação do grupo analisado.

Optamos por investigar quatro escolas cujas diferenças possibilitavam comparações em relação às possíveis influências dos contextos sociais sobre as representações dos estudantes investigados. As escolas foram identificadas por letras maiúsculas do alfabeto: A, B, C e D.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário composto por uma questão discursiva: **Para você o que acontece com o corpo humano após a morte?** Tal pergunta teve como finalidade propiciar aos estudantes expressarem livremente suas idéias sobre o tema investigado, possibilitando a identificação das representações dos estudantes acerca do mesmo. Também foram utilizadas questões fechadas relacionadas à religiosidade dos estudantes, pois sabemos que na sociedade ocidental a religião apresenta papel fundamental na formação de opiniões/representação da população, fazendo parte da construção social dos indivíduos. Cada religião encara a o fenômeno da morte de maneira diferente. Algumas acreditam em vida após a morte, defendem certo tipo de ritual para a morte, tais como enterro, cremação, velório, entre outros. Acreditamos, então, que a religião adotada pode influenciar nas Representações Sociais dos estudantes pesquisados acerca do que acontece com o corpo humano após a morte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário 124 alunos: 34 alunos da escola A, 33 alunos da escola B, 34 alunos da escola C e 23 alunos da escola D. Esses números correspondem aproximadamente a 80% do conjunto de cada escola.

Os depoimentos dos estudantes foram analisados separadamente. Os resultados da pesquisa, aqui, serão apresentados em três seções: I) Características das escolas analisadas; II) Crenças religiosas; III) Representação social do “corpo pós-morte”: os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC).

I - Características das escolas analisadas

A escola A localiza-se em um bairro da zona sul do município do Rio de Janeiro. Está próxima a residências, ao comércio, a espaços de entretenimento, a museus e a bibliotecas, além de contar com transporte coletivo de fácil acesso. A escola possui laboratório de química e de informática, com computadores conectados à internet, de acesso restrito, ou seja, somente com a presença de um funcionário da escola. Nesse espaço não há sala de leitura e nem biblioteca.

A escola B é pública estadual localizada em um complexo de favelas do município do Rio de Janeiro com carências e desigualdades sociais. Possui biblioteca, sendo precária a diversidade e quantidade de livros, uma sala de informática sem conexão à internet. Nesse contexto é presente o tráfico de drogas e a violência.

A escola C localiza-se em um bairro de classe média, próximo do centro da cidade de Volta Redonda. Está próxima a teatros, cinema, espaço de artes, museus e facilidade de transporte coletivo, permitindo a inserção de estudantes de vários bairros da cidade e proximidades. Possui sala de vídeo, biblioteca, sala de leitura, computadores sem conexão à internet, com acesso restrito.

A escola D localiza-se em um bairro de Volta Redonda, carente de infraestrutura e com pouca opção de transporte coletivo. Está situada em área de risco próxima de favelas, onde a violência e o tráfico de drogas estão presentes. Não possui biblioteca e não conta com computadores.

II – Crenças religiosas

A maioria dos estudantes pesquisados crê em Deus (Tabela 1) e afirma ter religião (Tabela 2). O perfil das crenças religiosas demonstra a predominância das religiões cristãs entre os estudantes pesquisados (Tabela 3). Pode-se observar um maior número de católicos nas escolas pesquisadas.

Tabela 1: Crença em Deus

Crença em Deus	A		B		C		D	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	34	100	32	94	33	97	22	96
Não	----	----	01	03	---	---	----	----
Dúvida	----	----	----	----	01	03	01	04

Tabela 2: Têm religião

Têm religião	A		B		C		D	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	30	88	26	79	29	85	22	96
Não	03	09	07	21	05	15	----	----
Dúvida	----	----	----	----	---	---	----	----
Não respondeu	01	03	----	----	---	----	01	04

Tabela 3: Religiões declaradas

Religiões	A		B		C		D	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Católica	20	67	14	54	14	48	14	64
Evangélica	05	17	10	38	14	48	06	27
Budismo	01	03	----	----	----	---	----	----
Kardecismo	04	13	----	----	----	----	----	----
Candomblé	----	----	----	----	01	03	----	----
Não especificada	----	----	02	08	----	----	02	09

III - O que acontece como corpo após a morte: os discursos do sujeito coletivo (DSC)

A partir da análise das respostas à pergunta: “Para você o que acontece com o corpo de uma pessoa quando ela morre?”, foram identificadas as expressões-chave e estabelecidas sete idéias centrais (Tabela 4). Algumas idéias centrais foram comuns a mais de uma escola e outras específicas. Duas idéias centrais se repetiram nas quatro escolas. São elas: **“Funções interrompidas e decomposição do corpo”** e **“A alma se separa do corpo”**. No entanto, algumas foram mais expressas em uma escola e menos em outras.

A idéia central **“Sepultamento do corpo”** foi identificada apenas nas escolas A, B e D. As idéias centrais **“Encaminhado para investigação”** e **“Relação com a causa da morte”** foram identificadas nas escolas A e B. A idéia central **“Cremação”** foi identificada nas escolas A e D. Já a idéia central **“Cuidado do corpo pela família”** foi identificada somente na escola A.

Tabela 4: Idéias centrais dos estudantes em relação ao que acontece com o corpo humano após a morte.

Idéias Centrais	A		B		C		D	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Funções interrompidas e decomposição do corpo	19	56	16	51	26	76	17	74
A alma se separa do corpo	06	18	03	09	10	29	06	26
Sepultamento do corpo	14	41	04	12	-----	----	01	04
Encaminhado para investigação	02	06	04	12	----	-----	----	----
Relação com a causa da morte	01	03	03	09	-----	-----	-----	----
Cremação	04	12	-----	-----	----	----	02	09
Cuidado do corpo pela família	01	03	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Tabela 5: Discursos do Sujeito Coletivo dos estudantes em relação ao que acontece com o corpo humano após a morte.

DSC	A	B	C	D
Funções interrompidas e decomposição do corpo	<p>Pelo que aprendi nas aulas de biologia, o corpo se decompõe (se desfaz), libera gases, etc. Imagino que o corpo irá se decompor aos poucos, com o passar do tempo. Os vermes internos, os microrganismos e seres da terra (minhocas) digerem o corpo que vai se decompondo. O coração para, às vezes há morte cerebral. O sangue para de circular, as células vão morrendo. O corpo ou o organismo pára de funcionar, assim ele encerra um ciclo na sua vida, que é último.</p>	<p>O corpo fica frio, seca, fica duro. Começa a ter um odor ruim, cheirando mal, fede, apodrece e depois se decompõe. A terra come a carne. A carne acaba e restam apenas os ossos. O corpo vira pó. Os órgãos vão parando pouco a pouco.</p>	<p>Esse corpo se decompõe, fica podre. O corpo humano é decomposto pela terra. Seus órgãos sofrem grandes transformações.</p>	<p>O corpo se decompõe, vira pó e desmancha. Vai decompor durante anos. Entra em decomposição, pois os bichos debaixo da terra comem o corpo. È comido por insetos. O corpo para de funcionar.</p>

A alma se separa do corpo	Eu tenho minha opinião e sigo na minha religião. Não acontece nada com o corpo, mas sim com o espírito que será julgado de acordo com os atos que teve enquanto estava vivo. Seu espírito vai para o céu. A alma sobe e é encaminhada para o céu. Na parte religiosa o corpo fica e a alma sobe para o purgatório para ser julgada.	Fica à espera do dia do julgamento. O espírito continua vivo em um novo mundo. Quando ele morre sem Jesus, o corpo fica sem forças.	O corpo, a carne não é nada, o mais importante é a nossa alma que deve ser liberta.	Para Deus está dormindo. Só sobra a alma, o espírito vai para onde merece. A alma vai para o céu e presta conta com o Criador. O espírito volta para Deus.
Sepultamento do corpo	O corpo da pessoa é velado e depois enterrado.	Vai para o cemitério e é enterrado com dignidade.	(Discurso não expresso)	É enterrado.
Encaminhado para investigação	Dependendo da morte é levado para o IML, para autópsia.	É levado para um laboratório, onde é examinado para saber a causa da morte. Vai para o IML.	(Discurso não expresso)	(Discurso não expresso)
Relação com a causa da morte	Costumo pensar nos diferentes tipos de morte em determinados momentos e consequentemente penso no estado do corpo depois da morte.	Depende de como a pessoa morre.	(Discurso não expresso)	(Discurso não expresso)
Cremação	O corpo pode ser cremado.	(Discurso não expresso)	(Discurso não expresso)	É cremado.
Cuidado do corpo pela família	O que os familiares acharem melhor	(Discurso não expresso)	(Discurso não expresso)	(Discurso não expresso)

Ainda que a morte humana seja um fenômeno que tenda a ser ocultado em nossa cultura e não tenha abordagem diferenciada nas escolas investigadas, os estudantes se expressaram com interesse e diversidade de idéias. Relacionaram a idéia de morte não só com conteúdos das aulas de Biologia, mas também com outros conteúdos relacionados à religião e família. (Tabela 5)

O discurso **“Funções interrompidas e decomposição do corpo”** foi o discurso de maior adesão entre os estudantes entre as quatro escolas. Prevalece nos quatro grupos a percepção de que corpo se decompõe aos poucos, com o passar do tempo, a partir da atuação dos microrganismos e seres da terra (minhocas). Os alunos enfatizam aspectos técnicos do ensino de Ciências. Essa representação está relacionada com a ênfase dada

aos sistemas biológicos que enfatiza estruturas biológicas que se originam e se transformam em ciclos de vida e de interação com o meio ambiente sem considerar a dimensão sociocultural. Além disso, os alunos também possuem aulas de Química no ensino médio, que possibilitam esse tipo de pensamento.

Há ainda, nas quatro escolas, a percepção religiosa de que **“A alma se separa do corpo”**. Mesmo que nas quatro escolas não exista ensino religioso, os estudantes buscam na religião um sentido para a morte. Isso reflete a presença da crença religiosa nos contextos sociais investigados e os valores dados pela mesma à finitude humana. Apesar de aprender como se morre biologicamente, os estudantes não excluem o sentido religioso da morte, refletindo um padrão cultural mais amplo.

Os discursos relacionados ao **“Sepultamento do corpo”** surgiram nas escolas A, B e D, sendo mais expressas nas escolas da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos ressaltaram a cerimônia de velar o corpo humano e depois enterrá-lo no cemitério com dignidade. Podemos associar essa percepção à influência da tradição cristã de velar o corpo sob ritual religioso cristão.

Os alunos das escolas A e B, ambas localizadas na cidade do Rio de Janeiro expressaram também o discursos de que o corpo após a morte é **“Encaminhado para a investigação”** e há necessidade de estabelecer **“Relação com a causa da morte”**. Os estudantes observam que dependendo da morte, o corpo é levado para o IML, para um laboratório, onde é examinado para saber a causa da morte. Relacionam a idéia de morte com a violência, uma característica marcante e constante nos contextos nos quais as escolas A e B estão inseridas. Essa representação pode estar relacionada ao aumento de mortes violentas, sobretudo nas grandes cidades. A cada dia, no Brasil, cresce assustadoramente o índice de homicídios e acidentes vitimando principalmente os jovens. As mortes são públicas, brutais, e ocorrem nas ruas. Todos a vêem, principalmente aqueles que vivem em contextos menos favorecidos socialmente.

A idéia central **“Cremação”** foi identificada principalmente na escola A, localizada em um contexto mais favorecido socialmente. Os estudantes vêem a cremação como um ritual alternativo para o corpo após a morte.

A idéia central **“Cuidado do corpo pela família”** foi identificada apenas na escola A, demonstrando a importância e a vivência da família perante a morte.

Pode-se dizer que ainda que exista a presença do discurso biológico e do discurso religioso, há também o discurso que sugere vinculação com os diferentes contextos sociais, nos quais a morte está presente. Assim, a representação social desses estudantes revela que a morte apesar de só ser encarada na escola como um fenômeno biológico, não permanece assim no imaginário dos estudantes. A reflexão em torno desses resultados desta pesquisa mostra que a morte humana se manifesta entre os estudantes como foco de inquietação religiosa e social sendo indicador de uma demanda educacional dirigida ao tema em questão. Se a morte faz parte da vida dos jovens e se esses estão nas escolas, torna-se importante a abordagem do tema.

Visto que o PCN (2000) preconiza uma educação contextualizada com a formação de indivíduos críticos, exigindo da escola muito mais do que a simples transmissão e acúmulo de informações, a abordagem da morte humana no espaço educacional das ciências pode ser utilizado para a compreensão da promoção da saúde, da vida e da morte.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados, concluímos que a representação social dos estudantes pesquisados acerca do que acontece com o corpo humano após a morte mostram tanto as influências do ensino de biologia como aqueles trazidos de sua cultura mais ampla, particularmente aspectos das religiões cristãs. São construções realizadas no cotidiano, no curso de comunicações interpessoais na escola, nos contextos sócios culturais aos quais estão inseridos, a partir das suas experiências pessoais, das suas crenças e valores.

Pode-se afirmar que os discursos dos estudantes pesquisados acerca do tema não foram excludentes. Evidenciamos a diversidade de posicionamento dos estudantes das quatro escolas: aprenderam o conteúdo ensinado nas aulas de Biologia, mas também fazem associações com outros aspectos da cultura. Isso permite a reflexão e compreensão das diferentes facetas das culturas humanas, o que certamente contribui para o aprimoramento das práticas que promovem a formação do cidadão.

A abordagem da morte humana no ensino médio revela-se como importante campo de investigação para averiguarmos tanto as diversas significações do tema quanto para refletirmos sobre objetivos das práticas desse segmento educacional.

As ações tradicionais no ensino de Ciências e Biologia possuem enfoque centrado muitas vezes nos conteúdos organizados de forma linear, com a apresentação e discussão de idéias, a partir de conceitos estritos apenas das ciências naturais. Apesar disso, acreditamos ser possível trazer para os estudantes reflexões de outras ciências, isto é, de promover relações com outras áreas do conhecimento.

Considerando que a escola contribui para o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos e o meio, as aulas de Ciências e Biologia podem se constituir em um espaço de discussão sobre a vida e morte humana a partir de diferentes referenciais. Para tanto, a identificação e compreensão das representações sociais de estudantes acerca da morte humana nos parece relevante à medida que trazem à tona conteúdos possíveis de serem trabalhados educacionalmente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. *Fundamentos de Biologia Moderna*. São Paulo: Moderna, 1997.

ARARIBÁ, P. *Ciências*. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÈS, P. *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARROS, C.; PAULINO, W. *Ciências e os seres vivos*. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, 2000.

COELHO, F. J. F. & FALCÃO, E. B. M. *Ensino Científico e Representações Sociais de*

Morte Humana, Revista Iberoamericana de Educación. 2006, vol.39, n. 3.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A . M. C. *O Discurso do Sujeito Coletivo - Uma nova opção em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)*. Caxias do sul: EDUCS, 2003.

_____ *O Discurso do Sujeito Coletivo*. Caxias do sul, EDUCS, 2001.

LOPES, S. *Bio*. Rio de Janeiro: Saraiva, v. 1, 2 e 3, 2002.

MACHADO, S. *Biologia*. São Paulo: Scipione, 2003.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003 , 404p.

SOARES, J. L. *Biologia*. São Paulo: Scipione, 1997.